

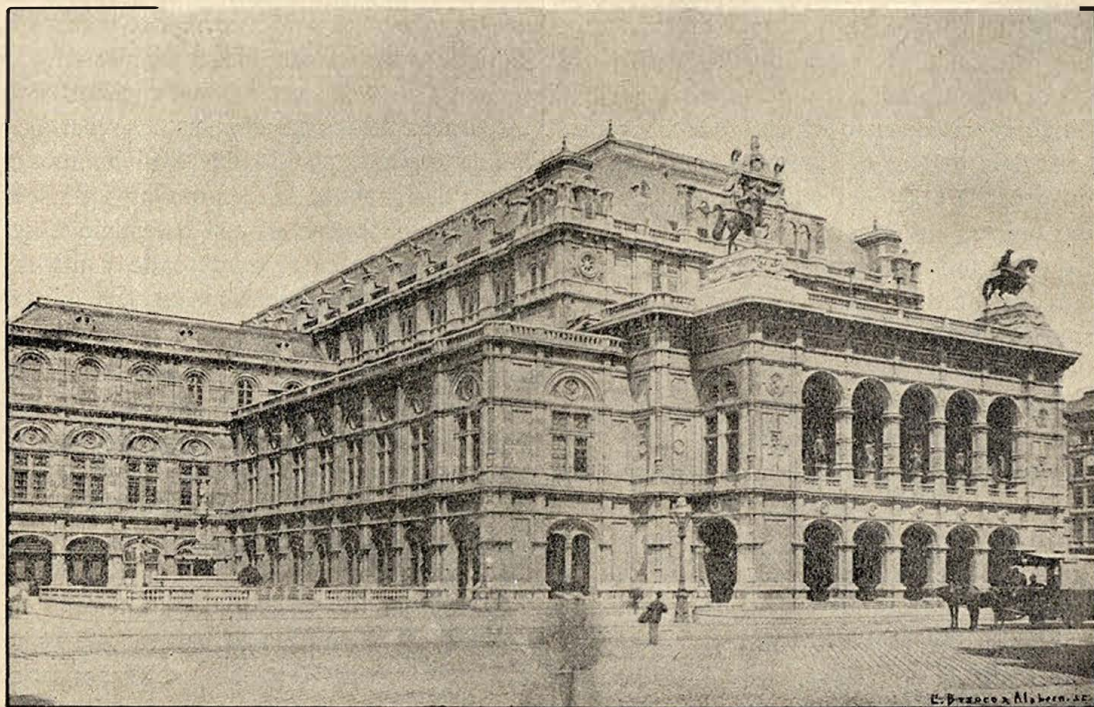
REVISTA THEATRAL

2.^a Serie — Anno II

Lisboa, 1 de julho de 1896

2.^o Vol. — Num. 37

OS GRANDES THEATROS



O «OPERA» DE VIENNA



ESTHETICA

I

O ROMANCE



As duas principaes fôrmas que a poesia revestiu de começo foram o hymno e a epopéa. A fôrma dramatica só mais tarde se produziu.

O hymno, puramente religioso ao principio, quasi não exprime senão o temor e a esperança. Dirige-se aos deuzes de quem invoca a protecção ou procura abrandar a colera. No hymno, o homem unicamente se preocupa de si. Os perigos que de todos os lados o ameaçam não lhe deixam desviar de si a propria attenção. Este egoismo instinctivo é o character commum dos hymnos védicos e dos psalmos.

Tambem se encontra, ainda que menos pronunciado, na epopéa antiga. A differença está em que os deuzes são substituidos pelos heroes. O poeta, em vez de cantar os feitos de Indra Iahweh contra os genios funestos da noite e da tempestade, celebra o guerreiro de pulso forte que volta da batalha deixando exterminado o chefe inimigo. O hymno continua a admirar a força que affasta do homem os perigos. As suas homenagens dedicam-se ao heroe que mata, como ao deus que fulmina. São lhe precisos personagens de uma esphera superior á sua. E' sempre, mais ou menos, a adoração do fraco em frente do poderoso. Se esta adoração já não se traduz por um culto directo, ella se percebe ainda no entusiasmo com que pinta as horri-veis carnificinas, que, necessario é não haver illusão, são a seus olhos os melhores titulos de gloria que um homem pode invejar sobre a terra. O resto é accessorio, mesmo entre os povos em que mais depressa se desenvolveu a sympathia humana.

Este é o ponto de partida.

Depois pouco a pouco, á medida que os progressos da observação armam o homem contra os perigos e melhoram as condições da sua existencia, as preocupações do egoismo primitivo tornam-se menos imperiosas. O nivel da moralidade eleva-se com o desenvolvimento dos affectos da familia e dos sentimentos da solidariedade nacional. Encontra-se o vestigio d'este progresso em um certo numero de canticos védicos e de psalmos hebraicos. A sua influencia é principalmente sensivel em uma parte da Illiada e da Odyssea, e em muitos episodios dos poemas do Hindustão. E continua a mostrar-se em todas as litteraturas, com intermittencias mais ou menos prolongadas, que se explicam pela mudança repetida das condições sociaes dos povos sujeitos ás mil aventuras das guerras e das invasões.

E' sobretudo mais rapido nos tempos modernos, graças á segurança relativa que se deve á civilisação menos violenta, e graças principalmente á multiplicidade das relações entre os povos. Os sentimentos sympathicos, brutalmente repellidos pela barbarie, depois de por um momento terem parecido triumphar em Athenas e em Roma, tomam decididamente o primeiro logar e trazem á poesia e a toda a litteratura uma rapida transformação. *Homo sum, humani nihil a me alienum puto*, é hoje a divisa geral. Não se trata já nem de deuses nem de heroes, trata-se do homem. O homem é o assumpto dos cantares do poeta como dos estudos do sabio. A psychologia invade a litteratura, a philosophia, a sciencia. Na poesia lyrica, o hymno re-

ligioso cede o logar á pintura apaixonada dos sentimentos humanos; nasce uma nova epopéa sob a fôrma do romance; a philosophia troca as investigações d'ontologia methaphysica pelo estudo directo das coisas humanas e a par da physica, da chimica, da historia natural fundase uma nova sciencia que se chama anthropologia. Todas as descobertas recentes convergem para este fim pela união dos povos; os caminhos de ferro e a electricidade, a industria e o commercio solidarisam todos os interesses, e apesar dos perigos com que nos ameaçam as ambições crimosas de alguns despotas, visível é que o novo sentimento da solidariedade e da sympathia universal, secundado por esta communitate effectiva dos interesses moraes e materiaes, todos os dias ganha terreno na Europa e, sem temeridade se pode predizer o seu triumpho definitivo em um futuro bem proximo.

E' facil seguir o mesmo progresso na poesia dramatica. O drama, quasi inteiramente religioso em Eschylo, affasta-se com Sophocles da tyrannia do divino, para chegar com Euripides á pintura voluntaria e reflectida das paixões humanas. Este movimento continúa com a comedia de Menandro e de Philemon transportada para Roma por Plauto e por Terencio.

Mais accentuado o encontramos ainda no theatro moderno. No meio das diversidades que caracterisam o genio dos differentes povos, destrinça-se sempre um fundo commum: a preocupação dominante do homem, dos seus sentimentos e das suas paixões. Póde dizer-se que este é o signal particular da civilização europêa desde o fim do seculo xv; elle é o da epocha em que vivemos.

E' tão forte este movimento que parece presetes a triumphar das convenções que mais bem estabelecidas pareciam estar. Poder-se-hia pensar até aqui que uma das obrigações essenciaes da arte era a de se manter n'uma região superior á realidade, de limitar-se ás pinturas geraes sem descer ás coisas infinitamente pequenas de anatomia individual. Hoje, cançaram por tal fôrma as ficções, ha uma tamanha ancia pela verdade que este sentimento parece sobrepujar todos os outros. Walter Scott deu-nos o romance historico, animado com um sopro epico. Balzac, na sua *Comedia humana* fez a pintura dos traços particulares de cada uma das classes da sociedade; mas as suas convenções aristocraticas tornavam-n'o o ments capaz do que ninguem de

apanhar e comprehender na sua complexidade os sentimentos e as paixões das classes populares; quasi que não viu mais do que o lado mau d'ellas. E' preciso accrescentar que a faculdade que dominava em Balzac era a imaginação e que se essa imaginação fez d'elle um romancista admiravel, não raras vezes o arrastou para muito alem dos resultados que se obteem por meio de uma observação directa.

George Sand quasi que não conheceu mais do que uma paixão, o amor. O romance psychologico, no inteiro sentido da palavra, o estudo sincero, completo, do homem em todas as suas manifestações boas ou más, apenas data de hontem. Não ha duvida de que esta escola tem laços d'affinidade com Balzac, mas distingue-se d'elle por mais de um lado. Pode mesmo dizer-se que se separa d'elle pela concepção fundamental. Balzac, apesar das suas pretenções mais ou menos justificadas de observador, é antes de tudo um *metteur-en-scène*. O que elle procura é o effeito. A observação apenas lhe fornece os materiaes que a sua imaginação põe em movimento, dispõe e por mais de uma vez transforma, com um fim ulterior.

Hoje eleva-se uma escola nova que já produziu um grande numero d'obras notaveis por diversas rasões: *Madame Bovary*, *Manette Salomon*, *Germinie Lacerteux*, *René Mauperin*, *Les Rougon-Macquart*, *L'Assomoir*, *Fromont jeune et Risler ainé*, *Le Nabab*, etc. etc. Os seus principaes representantes são Flaubert, Goncourt, Zola, Daudet, Hector Malot. Esta escola que, incontestavelmente, alguma cousa deve a Balzac, faz consistir a arte suprema na fidelidade absoluta da observação. Este *naturalismo* suppõe um estado d'espírito em que principalmente se é impressionado pelo lado verdadeiro das coisas. Segue-o em todas as suas fôrmas, em todos os seus meios; estuda, não o homem ideal que elle não conhece, mas o homem tal como a sociedade o faz, em todas as suas manifestações individuaes, boas ou más. Póde pois dizer-se d'esta escola, que professa o realismo na poesia, como Courbet na pintura, mas com a differença capital que não separa nunca a vida da realidade. Emquanto Courbet, fazendo-se apostolo d'uma idéa na sumula verdadeira mas de que elle apenas comprehendia metade, collocava o artista no nivel de um simples instrumento de precisão e a pintura n'uma reunião de linhas e de côres conforme á realidade physica, o

naturalismo applica-se a transportar o homem completamente vivo para os seus livros, com as suas virtudes, com os seus vícios, com os seus costumes e com o seu fato. Crê não ser bastante o dizer-nos como o homem pratica, como pensa ou como fala; julga que o dever do poeta é fazel-o praticar, pensar e falar diante dos proprios olhos do leitor. Facto extraordinario! Este realismo á força, que não córa nem recúa diante de cousa alguma, encontra-se em certos pontos com homens que mais de uma pessoa desejaria collocar em um terreno totalmente opposto. Como da Historia dizia Michelet, elle quer, esse realismo, que a arte seja uma ressurreição e o seu processo de pintura lembra o de Rousseau que diz: «O pintor não gera um quadro sobre a tela, levanta successivamente os véos que o encobrem.» Tambem o naturalismo se dedica a ressuscitar os personagens que observou, evocando-os tal qual os viu, e fal-os nossos conhecidos, não descrevendo-os mas mostrandos-os. Entabolamos com elles relações directas sem termos por intermediaria a descripção e o conhecimento que com elles fazemos, é por esta fórma infinitamente mais intimo. Outrora eram necessarias mil cerimoniaes, pteparos, apresentações. Agora supprimem-se todas essas formalidades e o leitor é de chofre collocado frente a frente com os seus personagens, que continuam a viver e a mover-se no seu meio, sem nada lhes importarem os olhares pregados sobre elles e principalmente sem tomarem as attitudes que tão desagradaveis são de ver nos heroes de romance e de theatro. Esta sem-cerimonia belisca os delicados amadores das bellas maneiras academicas; mas o que mais ainda os offende é a audacia da nova theoria, que dá logares de honra, no drama e no romance, tanto aos mais vulgares como aos mais distinctos personagens e que com tanto amor se entretem a estudar, no seu meio, a alma e os costumes de um moço de fretes, como os de qualquer marquez. Vivamente é ella combatida pelos filhos d'aquelles que se indignavam de ouvir pronunciar nos versos palavras como *cão*, *bode* e outras parecidas. Buffon, no seu discurso sobre o estylo, insistia no dever que ao escriptor compete d'evitar os termos especiaes, todas as vezes que poderem ser substituidos por expressões genericas; e Delille, fiel aos preceitos e ao espirito da sua época, nunca perdia a occasião de substituir todas as palavras da linguagem usual por definições

em bello estylo, nem sempre muito claras, mas que lhe forneciam ensejo de mostrar todas as galanterias do seu espirito e as finuras do seu officio. O bom senso publico fez justiça dentro de uma certa medida a estas distincções phantasistas entre termos nobres e termos burguezes ou populares, mas elles subsistem ainda entre as almas aristocraticas e as almas chás. Consentem que o poeta nos pinte a tempestade das paixões mais ou menos tragicas que assaltam e submergem os personagens auctorizados pela Academia; mas admiram-se de que alguém pense em interessar-nos com o trabalho da decomposição moral que se opera na alma dos outros personagens da sociedade contemporanea, pela invasão progressiva do desalento e das tentações ou pela transmissão hereditaria dos vicios resultantes da ignorancia, da doença, do soffrimento chronico, ou da lucta impotente contra a miseria. Admitte-se o vicio de boa educação, a prostituição elegante, a perversão hypocrita, o roubo com luvas brancas. Porquê? São por acaso os ladrões da alta sociedade mais dignos de interesse do que os outros? Pelo contrario, são mais horriveis, para quem quizer ter o trabalho de reflectir, visto que melhor armados estão contra as tentações e que por isso mesmo a sua ignominia menos desculpa tem.

Este escrupulo sentimental não é pois nem sequer resultante de um sentimento moral que poderia ter direito a uma certa consideração; é um simples prejuizo dos habitos aristocraticos de que a nova escola ha-de triumphar, como o romantismo triumphou das repugnancias do prejuizo classico, chamando, por meio de obras primas, o publico para a sua causa. Está já meio vencido; pouco falta para completar a victoria. Já faz justiça ao poder, a sinceridade d'observação que distingue muitas obras recentes. O que é que lhes censura? O exaggero de alguns pormenores repugnantes, pouco necessarios no fim de tudo, a multiplicidade de traços que disseminam, cançam a attenção e prejudicam a concentração dos effeitos. N'este ponto tem rasão. Por muito que se prese a verdade, nunca se é obgriado a dizer tudo; em primeiro logar porque é impossivel; depois porque entre os factos, ha uns que são mais significativos de que os outros e que cingindo os que teem importancia no meio de uma multidão enorme d'outros que a não teem, exposto se fica necessariamente, por escrupulo de sinceridade, a tornar a verdade intangivel ou

pelo menos a fazer-lhe perder parte do seu relevo. Na arte ha sempre escolha e é d'essa escolha que nasce a impressão total. Algumas das descripções de Zola parecem-se com estes quadros onde, por nada querer omittir, se acaba por tudo comprometter. Ha lá de tudo mas couxa alguma salta á vista. Tem isto grande perigo. O mesmo se pode dizer dos personagens, seja qual fôr a intensidade de vida que o auctor lhes communique, por si só não deixam na memoria uma imagem tão empolgante como com a leitura se poderia imaginar. Quando se reflecte depois de ter lido, encontram-se scenas, detalhes cuja impressão é duradoura, mas as figuras ficam um pouco vagas. E' o resultado inevitavel d'esse defeito de condensação que acima notámos ¹.

Mas seja como fôr, pode dizer-se que por este lado está aberto o caminho.

A mesma observação se applica ao drama como veremos em um outro capitulo.

EUGÈNE VÉRON.

¹ — E, em summa, é indispensavel na verdade reunir tantas figuras desagradaveis? Parece-me que ha n'isso um exaggero de que bem se pode escapar a mais escrupulosa observação.

Se eu não receiasse attribuir ao romance uma importancia excessiva, quereria approximar do romance d'observação d'idéas, o romance de these a que Eugène Sue e George Sand deram tão grande brilho. Continuou elle a existir com tanto talento como consciencia por um escriptor que está longe de ter a reputação que merece.

Cure du docteur Portalis e *M.^{me} Frainex* de Robert Halt são obras do mais alto valor moral e litterario. O mesmo escriptor publicou recentemente algumas novelas em que a observação moral se allia intimamente ás mais diversas theses. Não é um trabalho de incrustação como na maior parte dos romances analogos. Sente-se n'elles uma admiravel unidade de concepção. Accrescentem a isto uma generosidade de coração e d'espirito infinitamente raros, uma imaginação muito cheia de vida e muito bem ordenada, o dom do relevo, personagens bem vivos, notavel penetração psychologica, e um profundo amor da humanidade e de tudo que para o seu progresso pode concorrer. Ha no ultimo volume de Robert Halt, *Le cœur de mr. Valentin*, uma novella de cem paginas, *Alliette*, que é uma pura obra prima.

DR. LUIZ DA COSTA PEREIRA

ELEMENTOS DE DECLAMAÇÃO

E DE ARTE DE REPRESENTAR

1.^a serie da «Revista Theatral».



ENTREACTOS

MANUAL DO COSINHEIRO THEATRAL

Continuado de pag. 192

V

ENTREMETS

A «REVISTA DO ANNO»

Sucedeu-me algumas vezes, no tempo em que eu dirigia as *Variedades Sensatas*, dar revistas do anno. É um genero que tenho em grande conta, porque é anti-litterario e nada me satisfaz tanto como ver triumphar uma peça em que os criticos por mais esforços que façam não pôdem encontrar uma phrase *bem feita*.

O exito de taes peças prova de sobejo que o theatro é uma coisa á parte e que tenho razão de sobra quando digo, depois de ter ouvido um acto: — «Isto é theatro, emquanto que aquillo não é theatro.»

Não ignoro que varios homens de espirito como Monselet ou poetas como Théodore de Banville perpetraram *Revistas*. Mas estão a ver o pobre Banville a querer rivalisar com os constructores ordinarios de *Revistas*, com o unico auxilio do seu lyrisimo e da sua ironia pacata? Não, tal pretensão, é impagavel e um dia que conversámos ácerca d'isto Sarcey e eu fartámo-nos de rir.

Sarcey mesmo riu tanto que á noite, assistindo á representação d'um drama dos mais pesados, ainda dava gargalhadas a cada phrase do tyranno, só por se lembrar da nossa conversação da manhã, e se não fosse o Principe da Critica, tinha sido posto na rua. Ainda em resultado da nossa conversação, aconteceu-lhe tudo e contar no domingo seguinte no seu folhetim a peça, como se fosse uma comedia divertidissima. Mas Sarcey, repito, é o Principe da Critica e taes enganos n'elle não são reparados

A Revista, como ia dizendo, é um genero á parte, é um desenojoativo que um theatro offerece entre duas peças mais importantes, desenojoativo sempre appetitoso, ou que devia sel-o quando o não é. Mas os *novos* enganar-se-hiam se imaginassem que se faz uma boa Revista logo á primeira vez.

Pelo contrario, é preciso muita applicação, e pela minha parte não dissimulo que me agrada quasi tanto e mesmo mais, uma Revista bem feita do que uma comedia de Augier ou uma farça de Molière. Simplesmente, para chegar á obra-prima d'este genero não saberei insistir bastante nas seguintes recommendações:

RECEITA DA «REVISTA»

Se tendes espirito — quero dizer, um espirito fino e delicado ... tende todo o cuidado em vos não servirdes d'elle. O espirito n'este caso especial é o que ha de mais enfadonho e de mais perigoso. E convencei-vos de que

a Revista mais bem feita é aquella em que houver menos dialogo. Mas muni-vos do que se chama a chalaça grossa e do calembourg.

Feito isto, arranjai um compadre a quem vestireis uma casaca azul com botões d'ouro e um calção pardo: deve tambem ter uma cabelleira russa e um chapéu exaggeradamente alto.

Como comadre é indispensavel uma mulher nova e bonita com um amante que seja rico: porque se tem alguma importancia que ella diga bem e cante afinado, é mais importante ainda que traga bastantes brilhantes e que se tem amigas na sala estas a invejem na primeira noite.

Bonitos hombros, brilhantes, um *maillot* justo e bem fornecido — com estes trunfos do seu lado uma comadre de Revista é sempre uma artista notavel. Uma vez distribuidos estes dois papeis principaes basta pegar na collecção d'um jornal e folheal-a. Assim que se dá com um acontecimento importante toma-se nota: quando se tem já um certo numero de notas, passa-se uma inspecção minuciosa ao batalhão de raparigas que a direcção do theatro contractou. Não é na minha idade que se dão maus conselhos, e que se procura impellir os seus concidadãos para os abysmos do vicio, mas devo reconhecer que as raparigas bonitas e pouco vestidas são a parte mais importante d'uma Revista.

As *Variedades Sensatas*, foram, sem sombra de duvida, um estabelecimento mora!. Se, pares de namorados se beijaram e trocaram confidencias mais ou menos intimas nas frizas, ao menos essas frizas tinham sempre as grades erguidas: apesar de tudo, porém, apesar da minha moralidade bem conhecida, fui obrigado em todas as Revistas que montei, a escripturar sempre bonitas comparsas e figurantes: tive que as examinar com cuidado recusando inexoravelmente as que tinham as pernas tortas, os olhos enviuzados, as boccas mal feitas, ou os peitos pouco envolvidos: se não fizesse tanto caso d'estes requisitos, veria todas as noites a metade dos *fauteuils* d'orchestra vazios.

Depois de bem examinadas as artistas distribuem-se-lhes os papeis: esta será o telegraphista, aquella o balão-captivo, a outra o deus do amor. Cada uma symbolisará um acontecimento, um corpo do Estado, um monumento. A cada uma o compadre ou a comadre perguntará:

— Quem és tu?

— Quem sou? e a artista responderá:

— Sou o Telegraphista, sou o Balão-captivo e sou o Deus do Amor — tudo isto com a musica de arias conhecidas e com versos arrançados como calhar, exactamente como se tivessem sido encomendados para pastilhas de hortelã pimenta.

De tempos a tempos, uma duzia de raparigas virão juntas e cantarão em côro:

Nós somos bellas, gentis, airosas

Temos nos labios a côr das rosas...

É certissimo que desafinarão cantando estes versos que não primam pela correcção da fórma, mas o publico não dará por isso e sempre é um numero que fica feito.

A estes elementos de successo, junta-se um comico

que fará um gatuno, um outro que será o policia e que foge quando vê os ladrões, e para que o patriotismo não fique esquecido não esqueça o militar reformado que affirmará a sua crença na futura grandeza da Patria, em *couplets* ditos com voz tremula e commovida. N'estes *couplets* é do tom combinar as rimas seguintes: Gloria, Historia — Valor, Amor — Morrer, Vencer — etc. Estas rimas, evidentemente pobres, estão consagradas pela tradicção.

Preenche-se o terceiro acto com actores que se não têm o espirito do macaco, tenham entretanto a habilidade d'elle. É este o acto dos theatros. Cada um dos figurantes imitará um actor celebre no que elle tem de mau, e o publico rirá satisfeito. Não se deve fazer dizer a estes actores coisas de grande alcance: usa-se simplesmente da parodia. Se um dos celebres que se quer pôr em scena é na sua creação um fidalgo—faz-se d'elle um cocheiro ou um guarda-portão. É o que o meu caro amigo Francisque chama «uma idéa de revista.» Como elle ha de rir quando vir isto! A Revista está salva e terá centenas de representações.

Francisque commover-se-ha até ás lagrimas se tiverdes a idéa e a habilidade de arranjar uma scena em que uma donzella, com cabelleira empoada venha cantar seja o que fôr com a musica da *Lisette* de Béranger. Tende bem presente, além d'isso, que a musica de Béranger deve ter um grande logar na vossa obra. É facil, ligeira, muito digestiva, se me perdôam a expressão, e deixa-nos descansar os ouvidos das arias indecentes de que os nossos moços compositores não se pejam de abusar.

Emfim, julgo inutil insistir de mais n'este ponto, mas não quero deixar de o assignalar. Preoccupae-vos muito da questão dos fatos de malha.

Até onde deve ir o *maillot* n'uma «Revista?»

Questão grave e que só o vosso talento pôde resolver.

Mas eu estabeleço como axioma: N'uma «Revista» bem feita o auctor não é nada, o *maillot* é tudo.

Tenham por fundamental este principio.

Não desprezeis o algodão em rama compensador, o algodão que pôde arredondar as ancas e tornar mais bem moldadas as pernas.

Hão-de dizer-me: É um *truc*!

Sim, é um *truc*, mas em theatro nada se faz sem elle.

E o important: é alcançar fortuna, seja ella adquirida com o commercio de algodão!

Continúa.

SÉSOSTHÈNE RABICHON.



RECITAS E CONCERTOS

CLUB DE LISBOA

A «Lancha Favorita», peça lyrica em 3 actos;
versos do sr. Arthur Marinho da Silva, musica do sr. Philippe Duarte

Ainda quando em vez do exito que coroou esta peça, ella apenas obtivesse um *succès d'estime*, ou menos ainda, para que me fosse symphathica bastava a idéa do librettista de que o

drama, escripto no idioma nacional, decorresse n'um meio genuinamente nosso, em que a alma popular palpitasse com desafogo, proporcionando ao compositor varias scenas em que tivesse cabimento o estylo dos nossos cantos populares, e que esse compositor o soubesse explorar com proficiencia e senso artistico.

Boa ou má, os dois auctores teriam assim produzido uma «opera popular»; e quando ella por escassez d'outros elementos não agradasse ao publico, ficaria ainda a iniciativa do genero para lhe dar direito ao applauso e amparo da critica.

Mas a obra agradou a todos, felizmente, e com a musica que o sr. Philippe Duarte compoz para a *Lancha Favorita* mostrou-nos que a sua decidida aptidão musical, já provada como executante, e exuberantemente como director de orchestra, era ainda susceptivel de o tornar distincto, entre nós, sob o aspecto invejavel de compositor dramatico.

Talvez que, se me ler, o sr. Philippe Duarte estranhe que eu vá chrismar a classificação que deu á sua partitura. Francamente a de «peça lyrica» pareceu-me demasiado vaga. Lyrica é toda a peça de que a musica faça parte, desde a antiga farça até aos dramas musicaes de Wagner. Porque a composição era despretençiosa não lhe quiz dar o auctor a qualificação de «opera». Podia ainda chamar-lhe «opera-comica», ao que se não opporia o caracter do libretto, se não tivesse preferido o recitativo á alternancia das scenas ora musicaes, ora declamadas, que caracteriza a opera-comica, e que a torna, com effeito, um genero hybridado, a despeito das suas gloriosas tradições. Para se tirar d'embarços o sr. Philippe Duarte classificou a sua composição de «peça lyrica».

Pois meu caro maestro, escreveu uma opera, não tenha duvidas, uma opera, ainda que «popular»; e até a despretenção que n'ella se nota é um dos traços, que junto aos que acima apontei concorrem para reforçar esse typo de musica theatral.

O assumpto do drama é o que pode haver de mais simples; diz-se em poucas palavras.

N'um bairro maritimo celebra-se o casamento d'um pescador, filho d'um velho lobo do mar, com uma rapariga das mais gentis e melhor conceituadas do sitio. De regresso da igreja, quando os noivos sorriem satisfeitos no meio das felicitações d'um jubiloso grupo de rapazes e raparigas, desencadea-se uma tempestade, e a alegria dos assistentes é cortada pela noticia de que se avista ao largo um barco pedindo soccorro. O pae do noivo, marinheiro experiente e destemido, é o primeiro a dispor-se a prestal-o. O filho, porém, não lhe consente o perigoso intento; e embora seja o seu dia de nupcias vae em auxilio dos naufragos. Offerece-se para acompanhal-o um mancebo igualmente pescador, que indo com elle arriscar a vida quer assim resga-

tar um mau impulso a que cedera. E' um antigo concorrente á mão da noiva, que mordido de despeito e allucinado pelo ciume, amaldiçoára aquella, que em vão requestára; e, para complemento da vingança, soltára a imprecação de que o mar lhe arrebatasse o marido. Depois cae em si, arrepende-se, e intrepido segue caminho da lancha, que o deve conduzir ao perigo, a elle e aos companheiros. Esta, a Lancha «Favorita» é lançada ás vagas, e pouco depois supposta perdida por impotente para resistir á violencia da tempestade, que redobrou de furia. Em vista do acontecido a noiva enlouquece e só recupera a razão no fim do drama, quando apparece o marido, por todos julgado morto, até ao dia em que na praia se encontrou uma garrafa contendo um papel em que se lia estarem salvos elle e a companhia.

Quem de ha uns annos a esta parte tenha seguido attento o movimento lyrico dramatico, está farto de saber que encontrar actualmente um libretto musicavel, e ao mesmo tempo correspondente ás exigencias da esthetica moderna, é perfeitamente—agulha em palheiro. Por isso não admira que este, sendo no seu genero a primeira tentativa do auctor, não resultasse um primor d'estructura, comquanto encerre qualidades.

Na fórma como o auctor dispoz a acção do seu libretto nota-se demasiada extensão n'algumas scenas; pouca experiencia do *méliér* no modo por que as fez succeder e desdobrar; e as duas ultimas do 1.º acto, em que se trata de soccorrer os naufragos, são d'uma inverosimilhança palpavel. Para que essas situações nos dessem a illusão da verdade era preciso serem muito mais curtas; que os personagens se agitassem mais e cantassem menos; e que, principalmente, o velho *Dragão* guardasse a rememoração das façanhas para depois, para quando festejasse o regresso do filho. Então, sim, é que ella vinha a talho de foice, á mesa do jantar de regosijo, quando o prazer o remoçasse e o vapor do vinho lhe excitasse a loquacidade.

E visto que fiz sentir a critica, direi que o compositor abusou do emprego do rythmo ternario. No 2.º acto, por exemplo, cheguei a observal-o em tres scenas seguidas, e pareceu-me que nem sempre bem applicado. Na scena III quando os pescadores apparecem dizendo—*Á praia, á praia, sem demora*, o compositor daria á musica muito mais propriedade se tivesse escolhido outro rythmo mais decidido. Pareceu-me tambem que o sr. Philippe Duarte estaria mais d'accordo com a época se tivesse excluido da sua partitura algumas velharias, entre as quaes me produziu mau effeito a carunchosa cadencia da romança de tenor no 3.º acto.

Isto com a mesma imparcialidade com que me julgo obrigado a mencionar varios trechos da sua producção com todo o direito a elogio.

Pertence a esse numero o coro com que abre o 1.º acto, que depois se repete a miude; uma melodia em 6 por 8 bastante cadenciada, ajustando-se perfeitamente ás palavras dos pescadores, nas quaes elles se lastimam de ser rude o seu mister; merece tambem citar-se uma phrase de barytono ligada a este trecho, e o desenho dos violinos, que a acompanha em movimento ascendente. De melodia simples, mas espontanea, é o duetto de meio soprano e barytono. Segue-se lhe a chegada das raparigas, formosa pagina musical, em que Philippe Duarte revelou notaveis facultades assimiladoras; é um coro syllabico, um tanto moldado na forma da *chula*, e não menos caracteristico na parte melodica do que na instrumental. Intercalado n'este coro está uma das melhores inspirações da partitura: um canto do barytono, extensamente melodico e de corte sobremaneira elegante. O concertante da chegada dos noivos é de factura clara, sem que por isso a disposição das vozes deixe de ser de bom effeito.

Do 2.º acto convém registrar a aria do baixo, de pronunciada expressão sentimental, para o que tambem concorre a melancholica phrase do oboé que abre essa peça, e com que o compositor a vae debruando, habilmente explorada. Expressivo e de apropriado colorido instrumental é o motivo que inicia a scena da soprano, idéa melodica enunciada pelos violinos com sordina, e que depois a flauta repete. O coro feminino que mais tarde se ouve é animado e tem propriedade, pois exprime com efficacia a agitação que lavra entre as raparigas.

Quanto ao 3.º acto, distinguirei n'elle a romança do tenor, d'inspiração sobremodo facil e que só não apresenta recommendavel o remate, que acima censurei por antiquado. N'este acto foram bisados tres trechos: uma valsa e dois numeros de musica caracteristicamente popular. D'estas tres peças destacarei ainda a *desgarrada* que me agradou infinitamente. E' delicioso o preludio das flautas que se ouve emquanto dançam os cantadores, e muito bem achada a singella melodia do descante, directamente inspirada n'esse typo de musica popular.

No que respeita á factura geral da musica já atraz disse que era desprerenciosa. O compositor não se preocupou com apresentar-nos novos effeitos harmonicos, nem instrumentaes; nem tampouco se internou no labyrintho da polyphonia. Deu ao seu trabalho a orchastração que convinha a uma «opera popular»; mas por ser isempta de pretensão não deixa de conter um ou outro detalhe interessante, que a põe ao abrigo da banalidade.

Resta-me fallar dos executantes.

Na parte de soprano apresentou-se a sr.^a D. Maria da Madre Deus Leite Diniz, possuidora de voz extensa e de bom timbre, e da qual sabe servir-se com methodo; e na de meio soprano a sr.^a D. Maria dos Santos Bello d'Almeida, que

disse intelligentemente o seu papel, apesar de lutar com a desvantagem da tessitura da sua parte lhe estar um tanto baixa para a voz.

O sr. Paulo do Quental caracterizou bem o seu personagem de velho marinheiro, e cantou superiormente a sua parte, tendo sempre em vista pronunciar as palavras nitidamente, tanto quanto possivel. Cantou a parte de barytono o sr. Alfredo Hansen, que não obstante estar visivelmente doente, conseguiu fazer-se applaudir, mercê dos seus bons esforços; igualmente applaudido foi o sr. Henrique dos Santos na parte de tenor.

Devo ainda uma referencia favoravel ao sr. Barros, tenor de voz modesta, mas agradável, que disse com intelligencia ambas as canções do 3.º acto, sublinhando-as com acerto não vulgar; e seria grande injustiça não elogiar tambem os côros, constituídos de boas vozes, e tão seguros como afinados.

Em resumo: uma recita brilhante a do Club de Lisboa, ao qual, com sinceras felicitações, endereço o meu agradecimento pelo attencioso convite com que me distinguiu.

A. M.



EPHEMERIDES DO MEZ DE JUNHO

- 6— **Theatro do Principe Real:** *José João* parodia ao drama *João José* pelo sr. Eduardo Fernandes. Pag. 102.
13— **Real Colyseu:** *O Commendador Ventoinha*, peça em 3 actos. Não agradou.



AS NOSSAS GRAVURAS

O OPERA DE VIENNA

O Hofopertheater de Vienna d'Austria, destinado unicamente á exhibição da opera, é um esplendido edificio do estylo da Renascença franceza de 1861-69. E' muito mais simples do que o theatro da Opera de Paris, o que, no entender de alguns observadores, o torna superior em merecimento. A construcção foi feita sob o plano e desenhos de van der Nüll e Siccardsbourg, e acabada, depois da morte d'estes, pelos seus discipulos Storck e Guggitz. As ricas decorações interiores são de Schwind, de Engerth, de Rahl, etc. A escada é magnifica e ostenta nas paredes os medalhões dos constructo-

res e no corremão estatuas em marmore representando as artes liberaes, obra de H. Gasser. Ao lado do *foyer*, ricamente ornamentado com scenas d'operas pintadas por Schwind e com bustos dos compositores mais celebres, ha uma galeria, que deita para a rua, egualmente decorada com frescos de Schwind. A sala pode conter 3:000 espectadores. O interior d'ella é resplandecente de doirados e de pinturas, e no panno ha, pintada por Rahl, uma bella *Legenda d'Orpheu*. Em frente das fachadas lateraes ha duas lindas fontes monumentaes com figuras de marmore talhadas por Gasser.



CORRESPONDENCIAS

DE MADRID — Junio, 22.

Cosas de poca sustancia.— María Guerrero.

Un político español de merecido renombre, juzgaba del mérito de los oradores sintetizando de tal suerte su opinión, que la reducía á calificar los de machos ó hembras. Los oradores del género masculino le movian á sincera admiración, y en cuanto á los charlatanes femeninos, los solía despreciar, á causa de no concederles inventiva ni saber.

Lo mismo que decía el político en cuestión de los Cicerones de escalera abajo, podemos decir de las obras teatrales ultimamente representadas, por vez primera, en Apolo y en el Principe Alfonso. *Las escopetas* y *El Principe Ruso*, estos son los títulos de las piezecillas á que me refiero, son hembras desmedradas y feas, y no he de entenderme en concederlas una critica que no merecen. En cambio, y váyase lo uno por lo otro, hablaré de María Guerrero, viniendo de esta suerte el lector en conocimiento del concepto que como actriz me merece.

Rodeada María Guerrero de cómicos medianos y otros anódinos, que sigue la manía de querer singularizarse entre todos los actores de su compañía, facilmente lo consigue; más en el pecado lleva la penitencia. Una estrella poco brillante en el cielo, no maravilla de verla á diario, que otras de luz más fuerte pueden contemplarse, y, no obstante, nadie las admira como al astro rey, para el que son las hipérboles y los elogios sin medida. En España, y en punto á grandes cómicos, no tenemos al presente más sol que el del firmamento.

Reconozco que tan simpática actriz tiene talento, sentimiento en ocasiones, un modo de *declamar* que puede acabar en monótono martilleo si no lo corrige, maneras reposadas, gallardía en la figura, entusiasmo por el difícil arte del teatro, y algunas veces intuiciones que le permiten casi llegar á las fronteras de lo trágico. Todas sus aptitudes, bien dirigidas, bastan para hacer de ella una actriz notable, no una eminencia como le apuntan sus amigos y los autores que le confían sus concepciones.

María Guerrero necesita estudiar la vida afectiva, á fin de conocer las pasiones, y necesita del documento psicológico, digamoslo así, porque sólo dispone de talento.

Al genio le está concedido adivinar los dramas del corazón, que matan sin ofrecer herida visible, y las manifestaciones exteriores que toman nuestros instintos; la más compleja psicología la descubre parando alguna atención á las cosas del espíritu, y le marca leyes, ó bien la expresa con gestos y modulaciones de voz cuando se dedica á la representación escénica. Recoge mucho sembrando poco, y le sucede lo que al labrador del apólogo oriental, el cual, debido á la protección de un hada, arrojaba trigo en su campo y cosechaba panes perfectamente cocidos. Lo malo es que tamaño milagro escasea, pues ni las cimas las ha prodigado la naturaleza en este planeta, ni el genio se forma con la constancia y el deseo según admitió Buffón.

El talento, hermano menor del genio, gracias á la tenacidad y la experiencia, se confunde con él en ocasiones sin aventajarle ni vencerlo.

La naturalidad con que pisa la escena y dice sus papeles María Guerrero, es un mérito; convenido; pero entiendan quienes la encomian por esta cualidad, que llevada á la exageración degenera en frialdad, y que el secreto del cómico estriba en mostrarse vehemente ó ceremonioso, agitado ó tranquilo, alegre ó triste, según convenga al caracter que representa. Los que nunca varían de *temperamento* y recitan los pasajes dando sólo ligeras inflexiones á la voz, mueren helados, siendo así que su arte es vida, calor, pasiones de ordinario intranquilas.

Tiene, además, María Guerrero, ideas bien definidas de su oficio. sin conocerlas filosoficamente, y carece, felizmente, de los amaneramientos y desplantes que tanto abundan entre sus compañeros de bastidores.

Creyendo, como creo, que se asocian los actores al escritor, no siendo meros traductores de su pensamiento como muchos suponen; el traductor no aumenta nada á la idea que traduce, de identificarse con el personaje que este le confía, completa su creación de la cual es interprete, y en cierto modo, colaborador.

Preceptos didácticos podría aducir en demostración de lo expuesto, con solo copiar las reflexiones que acerca del arte teatral escribiéron Talma y otros actores, pero he de limitarme, en la ocasión presente, á transcribir los consejos que Shakspeare pone en boca de Hamlet.

«Recitad este discurso como yo lo pronuncio ante vosotros, con tono fácil y natural; pero si engrosais la voz y dais gritos desaforados como hacen la mayor parte de los cómicos, desearía, bien lo sabe Dios, haber puesto mejor mis versos en lengua de un vendedor callejero ó de un pregonero público. ¡Oh! nada lastima y empobrece mi ánimo tanto, como oír á un hombre grosera y toscamente robusto, manifestar una pasión con gritos descomunales que desgarran los oídos. Yo castigaría á estos Herodes del teatro que le sobrepujan, queriendo ser más impio que él.»

«No esteis nunca frios en la escena: que nuestra inteligencia os sirva de guia. Proporcionad la acción á la palabra y la palabra á la acción con cuidado de no salir nunca de la decencia natural, porque todo lo que sea separarse de esta regla, se separa tambien del fin de la representación teatral, que es ofrecer de cualquier modo

un espejo de la naturaleza; mostrad la virtud con sus rasgos propios, al ridiculo darle su imágen fiel, y á cada siglo, á cada época, su forma y sello. Si esta pintura es exagerada ó débil, podrá agradar ó entretener á los ignorantes; pero hará sufrir á los hombres juiciosos cuya opinión debe ser siempre vuestra mira, sobreponiéndola á la de la muchedumbre. ¡Oh! Cómicos hay que he visto representar y oido elogiar con alabanzas extremadas, que ni el ademan ni sus pasos parecían ser, no ya los de un pagano, pero ni tampoco los de un hombre cualquiera; que se inflaban y ahullaban de una manera tan horrible, que algunos los hubieran tomado por simulacros humanos toscamente bosquejados por el más torpe aprendiz de la naturaleza. De tal manera se asemejaban al hombre abominable.»

En mis escritos expongo sinceramente el juicio que formo de las cosas, y faltaría hoy a tan saludable costumbre si no advirtiera que el defecto principal de María Guerrero, consiste en su poca *afeminidad*. Tiene algo de hombruno en la voz y en los ademanes que le perjudica cuando quiere mostrarse mujer débil y apasionada. En cambio interpreta los papeles, no los *crea* como hacen muchos cómicos vanidosos suponiendo que han nacido para enmendar la plana al poeta, que es el único que dá vida á los caracteres.

Su aire de hombre no podrá desterrarlo, que está en su modo de ser y hasta en su rostro de muchacho, según la expresión de un literato.

Abonan á María Guerrero la juventud y el talento, dos fuerzas progresivas, y si las utiliza á derechas, su nombre figurará al lado del de las mejores actrices de nuestro teatro.

E. ALONSO ORERA.

DE PARIS—8 de Junho.

Au Bonheur des Dames—Um romance de Zola no theatro do Gymnasio—Muita *mise-en-scène* e pouco entrecho—O theatro dos Echoliers—*Route Blanche* e *Demi-sœurs*—Um bello trabalho dramatico de M. Devore—Applausos de Sarcey—O *Thermidor*—Van Dyck—Primeiras representações proximas—Paul Ginisty e Antoine na direcção do Odéon—O theatro de Belleville—*Les Dames du Temple*—*The Shop Girl*—Morte de Clara Shurmann.

Assistimos á 3.^a representação do drama *Au Bonheur des Dames*. extrahidos pelos srs. Saint Arroman e Hugot, do romance de Zola, do mesmo titulo. Esta peça não está destinada a um largo futuro no Gymnasio. Com a sua bella e deslumbrante *mise-en-scène* requer um palco mais largo, como o do Chatelet ou o do Ambigu. O quadro final, a apotheose do *branco*, essa deslumbrante exposição d'estofos que tanto effeito litterario produz no romance deixa bastante a desejar no drama, não obstante as curiosas scenas cheias de ruido e movimento de theatro; com uma figuração enorme, mesmo demasiada n'uma pequena sce-

na como a do Gymnasio. Escusado será procurar um melodramatico entrecho no *Bonheur des Dames* onde toda a acção é episodica. O idyllo dos amores de Octavio Mouret e Denise interessa por vezes o espectador, mas a attenção concentra-se toda no movimento dos quadros. Com cerca de 30 e tantos personagens como querem os senhores que possa existir um verdadeiro drama? A figuração eis o principal actor, sobre o qual se volta toda a attenção do publico.

E no entretanto que fundo dramatico tão real não encerra esta peça onde ha assumpto para varios dramas repouzando quasi todos no *meio* em que se agitam os personagens do *Bonheur des Dames*. A lucta entre o pequeno commercio e os grandes armazens de modas, esse gigantesco *Louvre* e esse archi-phantastico *Bon Marché* é um dos lados mais curiosos do fim d'este seculo. Inconscientemente, mas que uma força desconhecida, esses grandes titans aplanam o campo á obra collectivista da socialisação do trabalho e da industria. E n'uma epocha sanguinolenta de revolução, os insurrectos em vez de dispersar forças em pequenos ataques, saberão onde ferir com audacia. Isto é, em vez de mil saques, bastará um ou dois saques, o roubo á mão armada dos grandes dispensarios onde estão amontoados os objectos necessarios á vida. Os socialistas teem-se explicado largamente n'este sentido.

Au Bonheur des dames é no fim de contas um espectáculo curioso e digno de ser visto. De resto está muito bem montado e a peça é representada com talento.

*

Não assistimos á representação do theatro des *Écholiens* onde segundo vimos pelos jornaes a peça do sr. Devore obteve um grande successo: *Demi-Sœurs*. A outra peça: *Route Blanche*, um acto em verso de Martignac e Robiquet, pautado nos moldes de Banville, apesar do excellent desempenho de Depas no papel de *Pierrot* e da deliciosa Eveline no papel de *Lucette*, não agradou extraordinariamente. Muito idealismo á mistura com alguma *rosserie* e um symbolo confuso.

Nas *Demi-Sœurs* não sómente houve um bom desempenho, como a peça—segundo a opinião geral da critica—era excellent, não parecendo ser obra d'um principiante. O sr. Devore mostrou um talento dramatico de primeira ordem não só na composição do seu trabalho como na ideia que largamente desenvolveu em 3 actos muito curiosos, bem dialogados e bem architectados, como na obra d'um mestre.

A acção é bastante complicada. Trata-se da rivalidade entre duas irmãs, filhas de paes diferentes, Blanche a primeira e Gilberte, a segunda, ambas disputando o coração da mãe que por fim só ama a filha do seu primeiro matrimonio, com a recordação viva dos seus primeiros amores. Mas como a segunda filha possui um bom dote para se poder casar, o que a outra não tem, é Gilberte quem aparentemente triumphou. Apparentemente dizemos nós, porque ella mesma exclama no ultimo acto.

—Meu pae, estamos vencidas!

Sarcey falla d'esta peça com grande entusiasmo. E quando o critico do *Temps* elogia um dramaturgo novo é raro que não fale com justiça e sinceridade porque

mon oncle é pouco dado a applausos aos novos, sobretudo quando elles debutem nos chamados *theatres à coté*.

NOTAS VARIAS

— Coquelin já não representa mais o *Thermidor* por causa do processo que lhe intentou a Comedia Franceza. Substituiu-o Duquesne no papel de Labussière. M.^{elle} Lara é quem desempenha agora o papel de Fabienne de que a tinha encarregado desde a primeira representação M.^{elle} Dufresne. Todas estas substituições vão prejudicar a peça que estava em pleno successo.

— A representação do *Theatro das Letras* consta de *Sa Majeste*, phantasia n'um acto e em verso de Stephane Servent e musica de A. Marti; *Melusine*, legenda em verso de René Peter e tres actos em prosa de Lafon: *L'Héritage*.

— Van Dyck obteve um grande triumpho na Opera no *Lohengrin*, admiravelmente secundado por Rosa Caron.

— No Chatelet, brevemente, *A Volta do Mundo em 80 dias*.

— Proximamente no Dejazet o *Ténor incompris*, mas os auctores d'este vaudeville querem á ultima hora mudar o titulo da peça para *Chipacaissa et Cie*.

— Abriu-se em Montmartre uma nova *brasserie* eccentrica: *Au Ciel*. A cerveja é servida por matulões vestidos d'anjos e no 2.º andar, depois de S. Pedro nos ter aberto as portas do Paraizo, vemos seraphins e anjos a bailar nas nuvens.

— Paul Ginisty e Antoine, o ex-director do *Theatro Livre* são agora os chefes do Odéon. O primeiro é um litterato distincto, author de varios trabalhos dramaticos importantes; de Antoine é desnecessario falar porque todos sabem a revolução que elle fez na *mise-en-scène*. Os novos directores do Odéon promettem este mundo e o outro aos assignantes e ao publico. Todos os jornaes teem applaudido a escolha que fez o ministerio, dando a este theatro subvencionado uma direcção moderna.

— O theatro de Belleville, uma casa d'espectaculos dos boulevards exteriores foi vendida por 183:000 francos. Este pequeno theatrinho, não tão pequeno que não renda quando se acha cheio um bom par de mil francos, é um dos mais antigos de Paris. Ali debutaram muitos artistas que foram mais tarde gloriosos na Comedia Franceza, como M.^{me} Crosnier e Delmas, hoje na Grande Opera.

— No theatro da Republica *Les Petites Dames du Temple* comedia-vaudeville em cinco actos continúa a obter um grande successo. É uma peça de Alexis Bouvier.

— Vimos já no Olympia o successo que substituiu a *Gran-Via*. É a *Empregada de Armazem de Modas*, traducção da peça ingleza *The Shop Girl*. O principal papel é desempenhado pela suggestiva Micheline. No bailado destacamos Mercedes e Julia Recio.

— Tem sido muito sentida a morte de Clara Shumann, a viuva do grande compositor e pianista. A morta illustre era tambem uma pianista insigne, professora do nosso bom amigo Oscar da Silva, uma das nossas glorias artisticas.

— Quasi todos os theatros vão fechando a pouco e pouco

DE PARIS, 17 de Junho.

Antoine no Odéon — A obra do *Theatro Livre* — Reforma na *mise-en-scène* e na figuração — O calor e os theatros fechados — Em Cluny — Um velho *vaudeville* e uma revista do anno curiosa — Nos cafés concertos — *A brasserie*

do Céu — A feira de Neuilly — Os *bouis-bouis* dos arrabaldes — Paris que ri.

O romancista e dramaturgo Ginisty e o actor Antoine acabam de ser nomeados pelo Governo para dirigir o Odéon, que é como todos sabem o segundo theatro dramatico subvencionado. De Ginisty pouco podemos dizer — que é um romancista de valor, que tem escripto varias peças de theatro com relativo successo e que é um jornalista com bastantes sympathias. Sobre Antoine, embora se trate d'um actor, é que a critica se pode melhor espraiair. De resto foi o nome de Antoine que produziu maior sensação quando os jornaes annunciaram as duas nomeações.

O *Theatro Livre* — que não é nem nunca foi um espectáculo só para homens, não obstante esta ou aquella peça *rosse* — veio em boa hora levantar o gosto do publico parisiense, iniciando um movimento de renovação e de reforma, sobretudo na *mise-en-scène*.

O que Antoine fez com a figuração foi quasi extraordinario! Depois de ter estudado nos theatros de Berlim, de Londres, e da Italia o que havia de melhor, de mais adiantado e de mais moderno, veio para Paris, com uma comprehensão toda nova da mechanica da figuração, creando segundo o pensamento inicial de Wagner os *tableaux d'ensemble* que são desconhecidos no nosso theatro onde estamos vinte annos em atrazo no que diz respeito a progressos scenicos. Bastava vêr a maneira como elle nos apresentou os grupos dos tecelões na obra genial de Hauptmann ou como elle soube dar movimento ao 2.º acto da peça politica de Barrés para reconhecer que estava ali um pulso valente e um cerebro com ideias. É o que nos dará elle ainda no Odéon, seguro pelo auxilio official, protegido directamente pelo ministerio das Bellas Artes! O triste e mazorra theatro do repertorio classico, das conferencias dos mestres da Escola Normal, a *Comedia* do bairro latino vae soffrer uma transformação radical e de que estava bem necessitada, — convem accrescentar.

É a Antoine que o publico letrado de Paris deve o conhecimento d'Ibsen, de Hauptmann e d'outros grandes dramaturgos do norte, — como foi tambem Antoine quem lançou Georges Ancey, Louis de Gramont, Dujardins, Boniface etc. Muitas peças do repertorio do *Theatro Livre* foram depois representadas nos theatros regulares de Paris, como a *Chance de Françoise* de Porto Riche, *Esther Brandès* de Leon Henrique, o *Baiser* de Théodore de Banville, a *Évasion* de Villiers de L'Isle Adam, a *Sœur Philomene* de Goncourt etc.

*

E depois de palestrarmos sobre Antoine, sobre o que elle fez com o *Theatro Livre* e sobre o que talvez faça no Odéon, — quaes são as novidades theatraes de Paris?

Ah, muito pouco, leitor amigo! O calor obriga o espectador a fugir para os concertos ao ar livre, para o *Jardim de Paris*, para a *cour* aberta do Moulin, para o quintalinho bem engrinaldado de fosco gaz do Trianon de Montmartre; e os theatros ás moscas, sem peças novas, vão pouco a pouco fechando até aos começos de outubro ou fins de setembro.

Hontem tomámos o omnibus *Saint-Jacques* e fomos até ao bairro latino assistir á 1.^a representação das *Femmes qui font des scènes* e do *Impôt sur la revue*, em Cluny. O primeiro é um *vaudeville* que tem 20 annos d'existencia e que por essa epocha foi muito applaudido. Apesar de retocado, não desperta hoje uma exuberancia de hilariedade. Apenas um typo curioso: o cabotino bohemio no meio d'esses tres actos quasi semsaborões. Muito mais curiosa é a revista onde ha uma critica aguda e alegre de varios casos modernos.

Mademoiselle Filliaux, sempre graciosa, vestida com luxo, sufficientemente despida fez-se applaudir no seu principal papel. E Mademoiselle Norcy que nos dá a moderna dançarina de Falguières é como um morango appetitoso no seu costume... de mãe Eva antes do peccado. Crêmas que a peça ha-de fazer carreira,—basta haver damas quasi nuas e outras n'um suggestivo *deshabillé*. No bairro latino é tudo quanto se reclama nas peças do Cluny. Escusado será accrescentar que o anjo Gabriel, os cabellos de Cléo de Mèrode e *Rome* de Zola, os raios X — são os assumptos obrigados dos quadros mais sençionaes.

*

Repetindo o começo da nossa chronica theatral d'hoje, — com os theatros fechados, não temos outro remedio senão o de procurar o refugio das arvores verdes dos concertos ao ar livre nos Campos Elysios, ouvindo entre o ruido dos còbres e das caixas de rufo, os *refrains* de Yvette e Pollin. No Jardim de Paris é um regalo para os olhos e todo um consolo para a alma o salão dos pares plasticos da beila condessa Malebranche, divina creatura feita de graça, de frescura e de suggestão!

Em Montmartre,—o novo cabaret do *Ceo* é o *clou* do bairro. Todas as noites um publico ávido de morbidas curiosidades reclama seraphins e anjos celestes, á mistura com as apostolicas barbas do São Pedro,—um velho cocheiro aposentado, careca e d'alvas cans até á cintura.

Abriu-se a feira de Neuilly,—a feira elegante por excellencia, com dezenas de theatrinhos interessantes, divertimentos varios, novidades para todos os gostos, a dança do ventre por argelinas de Batignolles, varios archanjos Gabriel, parodias do inferno e do purgatorio, montanhas russas, a *Goulue* e mil outras cousas curiosas onde o tempo se passa alegremente, distrahindo-nos das tristezas da vida.

Durante o verão ha ainda outro divertimento para os parisienses que não vão veraneiar para os castellos da Normandia e da Bretanha,—são os concertos á beira do Sena, desde Auteuil a Billancourt, os bailes das margens de Chatou e ao longo do Marne, dos *bouis bouis* de Sceaux e dos arrabaldes onde o caixeiro e a costureira, em bicycletas, vão *rigoler* aos domingos.

E eis a clientella dos theatros ao ar livre, de verão, desde o Moinho da *Butte* aos jardins do Bullier, passando pelos carroceis de pau da festa de Neuilly.

XAVIER DE CARVALHO.

Do PORTO — Junho, 28.

A falta de assumpto—Abertura do theatro Principe Real — A emigração dos nossos artistas — As emprezas theatraes e os seus prejuizos na epocha passada — A partida para o Brazil de Affonso Taveira e sua companhia — A *chanteuse* Medina de Souza — A companhia Bonazzo Milzi — Uma lembrança.

Não sabemos por onde começar! E' difficil escrever uma correspondencia theatral, quando não ha theatros, nem artistas, nem publico, como acontece presentemente no Porto.

Estamos na epocha mais desgraçada para a arte; os theatros estão fechados, excepto o Principe Real, que reabriu as suas portas com a companhia Bonazzo-Milzi.

De resto, os nossos artistas, esses, emigraram quasi todos: uns, foram para as terras de Santa Cruz afim de enriquecerem; outros, que não são tão ambiciosos, satisfazem-se em fazer epocha de verão n'essa capital e ainda outros, com menos aspirações, percorrem em grupos os theatrinhos de provincia á mercê da sorte!

E o nosso publico que nem sequer se lembra que os pobres actores precisam de viver; anda n'estas noites calmosas esquecido d'elles.

E digam lá, se esta quadra não é a peor de todo o anno, pois que a collocação do artista se torna muitas vezes duvidosa e até lastimavel. Se a quadra actual lhes tem sido má, tambem toda a epocha de 1895 a 1896 foi desastrada para os nossos emprezarios, incluindo mesmo o do theatro de Opera.

O que muitas vezes salvava aqui uma empreza, era uma companhia de cavallinhos, porque o nosso publico tem grande predilecção por esse divertimento estúpido; mas como este anno estiveram ao mesmo tempo a funcionar tres companhias equestres, as emprezas theatraes soffreram com isso, graves prejuizos.

E por ultimo, as recitas em que trabalhou o tragico Emmanuel deram sempre tambem grande perda.

Francamente, falta adivinhar o que o nosso publico quer.

Bem andou Affonso Taveira em ir com a sua companhia para o Brazil, pois que, apesar de exposto a perigos tem a certeza de ganhar em dias o que aqui não ganharia n'uma epocha.

A' hora, a que o presente numero da *Revista Theatral* está sendo distribuido, é provavel que tivessem sido já inaugurados os espectaculos da empreza Taveira no theatro *Apollo*, do Rio de Janeiro.

E pela maneira bizarra como os nossos compatriotas costumam receber os nossos artistas, é de suppôr que elles tivessem tido um bello e generoso acolhimento; se assim aconteceu, será um acto de inteira justiça, attendendo a que a companhia de Affonso Taveira tem artistas de muito merecimento e a que o seu repertorio, d'esta vez, é variado e primorosamente escolhido.

Como sabemos que a *Revista Theatral* é largamente vendida e apreciada na grande capital do Brazil, temos

obrigação n'esta correspondencia de apresentar aos nossos leitores d'ali uns ligeiros traços, sem caracter de biographia, d'uma intelligente e despretençiosa artista que acompanha a empresa Taveira. Refiro-me a D. Medina de Sousa, que vae pela primeira vez pisar os palcos do Brazil. Esta senhora veio de Lisboa na epocha passada, sem a mais pequena protecção — era completamente desconhecida do nosso mundo theatral. A unica cousa que trazia na sua bagagem para o theatro de operetta, no D. Affonso, para onde tinha sido escripturada, era uma boa educação musical, o que hoje é rarissimo possuir qualquer actriz que principia a sua carreira artistica. A epocha foi curtissima e interrompida por varias vezes, podendo apenas a novel artista sobressair nas peças *Amazõnas de Tormes*, *Capitão Lobishomem*, e *Guerrilheiros*, conquistando em todas ellas merecidos e entusiasticos applausos da imprensa e do publico.

Depois d'este successo D. Medina de Souza tem deante um futuro brilhante.

Porém, antes da partida para o Brazil, a companhia do nosso theatro Principe Real deu-nos uma recita de despedida com a 1.^a representação do *Bibi & C.*, em que a sympathica actriz-cantora adquiriu a sua principal corôa de gloria, pois lhe deu ensejo para evidenciar qualidades e aptidões pouco vulgares. Recebeu n'essa noite manifestações de admiração e sympathia do publico portuense.

A gentil *étoile* da companhia Taveira possui uma voz agradável, bastante extensa, e canta com expressão, sublinhando bem as phrases. E' elegante, *mignone* e declama bem.

Estamos certos de que a nossa festejada artista não desmerecerá, entre os nossos compatriotas, do conceito e boa fama em que é tida n'esta cidade, onde encontra innumerados admiradores.

*

No theatro Principe Real tem estado n'esta ultima quinzena a companhia italiana de operetta, que tem tido uma concorrência mais do que regular.

Bem sabemos que as companhias estrangeiras prejudicam os nossos artistas; mas o que o nosso publico deseja no theatro de operetta é boa escola de canto, córos certos e afinadíssimos, *mise en-scène* e guarda-roupa vistosos, o que possui esta companhia.

Por isso recommendamos aos nossos empregarios futuros, se querem concorrência aos seus theatros, que sejam escrupulosos na escolha das peças a apresentar, nos artistas, etc., e depois já não terão grande receio de que as empresas estrangeiras os venham prejudicar.

Mas emquanto os empregarios não pensarem d'esta fórma, as companhias estrangeiras hão de ganhar aqui sempre dinheiro e serão sempre bem recebidas pelo nosso publico.

Custa dizel-o, mas é verdade.

*

Pedem-nos que lembremos na *Revista Theatral* a criação de uma sociedade da classe de artistas dramaticos, que servisse de beneficencia a qualquer que estivesse impossibilitado de trabalhar, garantindo-lhe assim os ultimos dias de velhice.

Já ha muito que se faz sentir a criação d'uma socie-

dade d'esta natureza, porque assim evitar-se-hia para o futuro, em honra da classe, a enxerga do hospital ou a miseria d'uma familia, o que muitas vezes acontece a artistas que tiveram na sua carreira noites de verdadeira gloria.

Ahi fica a idéa, e não é difficil pô-la em pratica; basta apenas que haja boa vontade e boa camaradagem.

JOÃO PIMENTEL.



«VADE-MECUM» DO ACTOR

MAXIMAS E CONSELHOS PARA MEDITAÇÃO QUOTIDIANA

LIII

A alma dos grandes comediantes foi formada por aquelle subtil elemento de que um philosopho enchia o espaço, e que não é frio nem quente, nem leve nem pesado, que não tem qualquer fórma determinada e que, igualmente susceptivel a todas, não conserva nenhuma d'ellas.

DIDEROT.

LIV

Os vicios de character não devem ser reaes no actor porque no theatro procura-se a imitação e não a realidades.

STICOTTI

LV

O actor não deve avaliar o seu merecimento pelos applausos que recebe; não são a maior parte das vezes mais do que signaes de bondade e de animação; algumas occasiões são questão de habito ou resultado de confrontos com actores mediocres ou menos favorecidos pela natureza; muitas vezes mesmo, deve confessar-se, esses applausos são prodigalisados pela ignorancia, promovidos por gente paga e que raro é o publico que não tem o seu menino querido e o seu bode expiatorio.

CLAIRON.

LVI

O actor deve estudar o publico, prescrutar o coração de todos aquelles que d'elle se approximam, e discutir comsigo mesmo o porquê de tudo o que vir e de tudo o que ouvir.

CLAIRON.

LVII

Certos actores não são mais do que machinas bem construidas, de que um homem habil sabe fazer mover todas as molas e cordelinhos. Não sei se taes machinas bem dirigidas são ainda assim preferiveis a alguns actores indoceis que por guia só teem um orgulho tolo e uma teimosia ridicula.

D'HANNETAIRE.

L.VIII

Os artistas são mais ou menos sensíveis á critica, conforme os principios que teem sobre a sua arte são mais ou menos firmes e evidentes.

LESSING.

LIX

Entre cem bons actores talvez apenas se encontre um bom comediante.

D'HANNETAIRE.

LX

O que decididamente caracteriza em M.^{elle} d'Angeville uma creatura de genio, é o facto d'ella ser simples, verdadeira, modesta, tímida mesmo, não tendo jámais o tom orgulhoso do talento, que substitue pelo tom delicado de uma senhora de boa educação: de resto, ignora a minima cabula e vivendo no meio da intriga e da chicana nunca se envolveu na mais pequena d'ellas.

DE SAINTE-FOIX.



NECROLOGIA

ERNESTO ROSSI

A Italia acaba de perder um dos seus grandes actores e que com maior razão celebrava.

Morreu Ernesto Rossi!

Poucos artistas, como elle, terão tido uma vida tão cheia de triumphos e de glorias e poucos artistas, como elle, terão despertado, depois de morto, um maior numero de controversias sobre o seu talento, que ninguém contesta aliás, e sobre o seu valor artistico que muitos procuram fazer desmerecer.

Surprehende-nos este debate junto ás cinzas ainda quentes de um artista que em vida quasi não conheceu uma nota discordante no côro elogioso dos seus admiradores. Não é certamente a nossa nova camada que pode fazer a justa apreciação de um actor que conhecemos já velho, com os seus processos gastos e luctando ainda ultimamente com esse renovo de tragicos que da sua mesma patria nos veem inculir novas theorias mal assentes sobre velhos modelos. Não é este o logar de semelhante discussão a que por vezes já nos temos referido, mas francamente um caso tão extranho como este põe-nos naturalmente de sobreaviso sobre as verdadeiras intenções d'elle.

Parece que o verdadeiro erro de Rossi foi, como diz um jornal italiano, não ter sabido retirar-se a tempo do theatro.

Os jornaes allemães expandem-se, coisa rara, em declarações apothoticas ao grande artista destacando-se d'elles a *Freisinnige Zeitung* que pede para elle «uma columna votiva em torno da qual todas as nações depõem corôas de louro», a *Vossische Zeitung* que celebra «a grande influencia que elle teve sobre a arte dramatica allemã que ajudou a libertar do *pathos* e da *rhetorica*» e o *Berliner Tageblatt* dizendo que «Rossi era a personificação d'aquelle genio italiano innato a todo o homem do povo e que a um aceno de mão sabe mandar, pedir, exprimir odio ou amor» e que «os allemães que o quizessem imitar não fariam mais do que ridiculas parodias.»

Salvini, o seu rival, com quem tanto se compraziam a comparal-o, escreveu nas suas *Memorias* algumas paginas sobre o valor de Rossi. N'ellas remata a sua analyse com

a seguinte phrase «os defeitos que tem são todavia como as manchas do sol que não o impede d'illuminar o mundo».

Que *manchas* não achará a outro, um official do mesmo officio?

Ernesto Rossi nasceu em 1827 (e não em 1829 como erradamente dizem muitos jornaes) na cidade de Livorno (Leorne). De familia medianamente abastada, seu pae dedicava-o á advocacia quando uma companhia ambulante tanto lh'exaltou a imaginação que fugindo com ella ali se escripturou como actor e começou a sua carreira. O seu repertorio foi enorme, tornando-se celebre pela interpretação do theatro de Shakspeare, não tanto pelo merecimento d'essa interpretação, hoje tão discutida como acima relatamos, mas porque foi um dos primeiros vulgarisadores d'esse immortal repertorio. Em Paris onde em 66 representou na Comedia Franceza, facto verdadeiramente extraordinario e honroso, no *Cid* de Corneille, obteve um tal exito que a *Eschola de Bellas Artes* obrigava os seus alumnos a assistir ás suas representações.

Para essas recitas dadas em commemoração do centenario da morte do grande poeta, fôra convidado especialmente por uma carta em que o administrador da Comedia lhe dizia que «a França não achava outro actor melhor do que elle para representar similhante papel.»

Rossi dizia muitas vezes — conta um intimo d'elle — que quieria ter morrido durante uma d'essas recitas ao som de uma salva de palmas, — que era o theatro o campo d'honra do artista e os applausos o seu mais bello epitaphio.

Não o quiz assim a sorte. Morreu quasi repentinamente em Pescara. Teve pomposos funeraes em que se fizeram representar além de todas as classes sociaes, muitos corpos administrativos, associações etc.

Rossi era alto, um pouco nutrido, nutrição que muito o prejudicava em alguns papeis, e usava da fórma antiga de declamar, um pouco pastosa e emphatica. Demais o nosso publico conheceu-o bem porque em Lisboa esteve elle mais de uma vez, sendo a primeira no Principe Real escripturado pelo Santos que o viu em Paris d'onde veio entusiasmado com elle, e a ultima no Gymnasio ha poucos annos ainda.

*

ALBERTINE THOMPSEN

M.^{elle} Thomsen da Comedia Franceza succumbiu no dia 8 de junho, ás 6 horas da manhã das consequencias d'uma pleuresia. A joven e graciosa pensionaria da casa de Molière, tinha apenas 24 annos e o seu talento, a sua graça, o natural do seu jogo affirmavam-se a cada nova criação. A notavel maneira como tinha desempenhado o papel de Suzanna no *Monde où l'on s'emmuie* persagiavalle um bello futuro no primeiro palco francez.

Foi n'este papel que M.^{elle} Thomsen appareceu pela ultima vez na *matinee* de 24 de maio ultimo. Na sua sahida do Conservatorio obtivera um *accessit*. debutou no Grand Théâtre que Porel acabara de instalar no Eden Théâtre e fez o papel da *soubrette* no *Bourgeois Gentilhomme* e no *Malade imaginaire*.

Recebida na Comedia em maio de 1893 debutou no que se convencionou chamar *les petits rôles*. Em *Crispin medecin* fazia com infinito talento a parte de *Lisa* vimol-a depois nos pagens d' *Severo Torelli*, de *Ruy Blas*, *Henri III et sa cour* e do *Fils de l'Arétin*.

Representou *Colombine* com Jules Truffier no *Diner de Pierrot*.

A sua ultima criação data de *Manon Roland* em que fez o papel de *l'Oiselière* e com tal distincção que lhe valeu os cumprimentos mais entusiasticos.

Coincidencia—o papel de Suzanna de Villiers *porte malheur* aos seus interpretes. A creadora Jeanne Samary morreu na flôr da idade e do talento, a que lhe succedeu M.^{elle} Ludwig está doente ha um anno e agora Albertine Thomsen morre com 24 annos quando o seu logar na Comedia estava seguro.

VARIÉDADES

Não é exacto, o que alguns jornaes escreveram, que a nossa conhecida Salud Othon deixasse a opera para de novo se dedicar á operetta e á zarzuela. Lemos noticia de oito representações que ella acaba de dar em La Plata com a *Cavalleria Rusticana*, *Aida*, *Manon* e *Africana*.

⊙
O *animatographo* que agora se exhibe no Coliseu, com grande e merecido successo, tambem se chama *cinematographo*, *vitoscopio* e *kinetoscopio*.

Não e pelo nome que se ha de popularisar.

⊙
O theatro Garcia de Rezende, d'Evora, tem 60 camarotes em 3 ordens (com frizas) e 16 torrinhãs, varandas, 90 *fauteuils* e 200 geras. Na frente, ao centro do theatro, ha 3 camarotes municipaes, captivos, hem como mais 2 de 1.º ordem do lado direito do proscenio.

As condições do aluguer d'este theatro são : 8 0/0 da receita bruta para a Camara. A despeza seral regula de 65 000 a 80 000 réis incluindo gaz, porteiros, bilheteiro, sellos de bilhetes, contribuição, etc., sendo porém facultativo ao alugador tomar tudo á sua conta e metter gente sua.

Os preços das localidades variam naturalmente conforme as exigencias das companhias. Quando o theatro foi inaugurado, pela companhia de D. Maria, os preços foram : frizas 5 000 réis, 1.º ordem 6 000 réis, 2.ª 4 000 réis, *fauteuils* 1 000 réis, cadeiras 700 réis, varandas 300 réis. Estes preços tem sido mantidos algumas vezes, mas é permitido, como dizemos, alteral os.

Os espectaculos dades pela companhia de D. Maria, não agradaram por demais. Houve mesmo uma comedia, *O gendarme*, que indignou um pouco os espectadores.

O encarregado da Camara que trata dos assumptos relativos ao theatro é o sr. José Mathias Carreira.

⊙
O director da Comedia Franceza, querendo incluir no repertorio permanente do theatro uma das melhores obras de Labiche, como é de uso fazel-o para com todos os auctores dramaticos francezes, escolheu o *Celivare bien aimé*.

Em Lisboa disseram em tempo alguns criticos theatraes, que a peça não prestava. Não-de achal-a melhor agora.

⊙
O imperador da Allemanha decretou um novo augmento no subsidio do Theatro Real de Berlim, que passa a ser annualmente subvencionado com um milhão de marcos.

⊙
Vae fundar-se em Moscow um theatro dramatico francez, permanente. Os artistas serão dos melhores e a epocha durará tres mezes, durante os quaes se representarão todas as peças novas que com agrado se estreiem em Paris.

⊙
A companhia lyrica para a proxima *season* do Covent-Garden compõe-se de 11 italianos, 5 americanos, 9 francezes, 2 allemães, 3 polacos, 1 sueco, 1 hollandez e 1 russo.

⊙
O maior acontecimento theatral que ultimamente tem occupado todos os meios em que o Theatro é o assumpto obrigado, é a quebra de Abbey & Grau, os celebres emprezarios que apresentaram na America as mais diversas celebridades artisticas contemporaneas. O passio eleva-se naturalmente a uma somma consideravel de mi-

lhões, o que não admira se attendermos a que alem da companhia lyrica que todos os annos funcionava no Metropolitan-Opera-House e em que não trabalhavam nunca menos de seis a oito das primeiras notabilidades lyricas, Abbey & Grau sustentaram no tempo da exposição de Chicago, uma grande companhia de baile e em diferentes epochas as *tournees* dos mais caros artistas da Europa, como Sarah, Irving, Mounet-Sully, Réjane, Coquelin, etc. Foi o *deficit* resultante de todas estas emprezas que produziu a enorme catastrophe que ficará memoravel nos annos theatraes. A imprensa theatral de quasi toda a Europa e que mais ou menos tem interesses ligados a este acontecimento, entretem se a derimir se ha ou não faltas e culpas da parte dos emprezarios. A proposito trasladamos uma curiosa carta da Sarah sobre o caso e que muito de vontade deixamos em francez para não lhe tirar o sabor. Temos assim uma amostra da prosa de Sarah e um bocadinho para a futura historia da mania febril que agora ha, de transportar em desordenadas correrias a mais pequena actriz que deu um *ih* menos fanhoso ou um *ah* mais reclamado.

Escreve a Sarah :

«Non, non, ce n'est pas un montreur d'étoiles celui-là, dont tous les journaux depuis huit jours impriment le nom et commentent la crise financière.

«Je débarque et, le cœur battant dans ce train qui me ramène à mon cher et riant Paris, j'arrive enfin et je saute dans les bras tendus chargés des fleurs. Mon visage rayonne sous les chauds baisers des amis et amies. Je suis heureuse, oh ! bien heureuse, quand un perfide : «Eh bien ! Maurice Grau a fait faillite !» me cloue sur place.

«Ainsi, c'est ce que l'on croit ici ?

«Ah ! mais non, voici la vérité, la vérité indéniable, la vérité absolue.

«Les bénéfices apportés cette année par l'Opera, Henry-Irving et moi n'ont pu combler le trou creusé par l'éjane, Mounet-Sully, et surtout Lilliane Rousselle, une chanteuse d'opérette. Le talent de Réjane et Mounet-Sully n'ont rien à voir dans le désastreux résultat de leur tournée. Ils ne sont pas venus à l'heure, voilà tout. Maurice Grau a résolu de liquider ce passif, qui se monte à seize cent mille francs. Pour ce, la société va se dissoudre, et Maurice Grau recommencera sur d'autres bases. Ses créanciers seront intégralement payés, et, chose admirable et rare dans les entreprises de ce genre, il n'est pas dû un centime ni à un artiste, ni à un employé !

«Combien d'entre nous n'ont jamais eu de contrat ? La parole échangée et un grand shakehand, et l'on s'embarquait pour les Amériques. Mes deux dernières tournées se sont faites ainsi, et je n'ais jamais eu l'ombre d'une discussion avec Maurice Grau. Je sais qu'il en est de même avec les plus illustres de l'Opéra, et demandez-leur, aux Reszke, à Melba, à Calvé, demandez-leur s'ils hésiteront un seul instant à repartir, la saison prochaine, avec Maurice Grau, cet honnête et charmant homme, cette admirable intelligence, la cheville ouvrière de ces colossales entreprises. Non, ce n'est pas un vulgaire montreur d'étoiles, et j'ai eu un profond chagrin en lisant ce qu'on pensait de cet homme, qui depuis vingt ans travaille à la gloire de notre art. Avant lui, c'était l'opéra allemand qui triomphait en Amérique. Grâce à lui, l'opéra français est resté vainqueur. Et au prix de quelles luttes !

«Et nous, les artistes dramatiques, Coquelin et moi, avons eu, grâce à lui, la joie, la grande joie de populariser la langue française et de faire apprécier nos plus subtils chefs-d'œuvre. Son rêve était d'emmener la Comédie-Française en Amérique, rêve irréalisable, mais qui ne manque pas d'une certaine grandeur.

«Car Maurice Grau savait bien que, malgré le succès sûr qu'aurait la Comédie, les recettes énormes, il ne serait rien resté : les frais auraient tout englouti. Eh bien ! il le pleure ce rêve. Pourquoi ? Parce qu'il mettait son orgueil à offrir à ses compatriotes ce qu'il y a de plus rare dans son ensemble.

«Vous avez vu Coquelin, vous avez vu Réjane, eh bien !

vous verrez la Comédie, et vous comprendrez pourquoi l'art français reste triomphant. Vous verrez, disait-il, vous verrez.» Et il caressait son rêve.

«Est-ce le discours d'un montreur d'étoiles? Oh! non, il ne faut pas que Maurice Grau passe pour un Barnum. C'est un grand impresario, le plus grand qu'il y ait, et le plus intégralement probe. Aussi, qu'il ne prenne pas tristesse de tous ces méchants bruits; nous sommes une phalange d'artistes prêts à le porter sur le fauteuil nouveau qu'on lui prépare, prêts à le soutenir de tout notre talent, dont la renommée a grandi grâce à lui; et autour de nous se groupe le noyau de ses amis, dollars et chéquês en main, lui criant; — «Prenez, prenez, payez et recommencez, nous sommes là pour vous soutenir» — et ils le soutiendront. Il n'y aura pas de faillite; tout le monde sera payé intégralement.

«Je le dis parce que je le sais. Je le crie parce que la vérité doit être criée; il y a tant de gens sourds!

«Et la saison prochaine, Reszké, Melba, Calvé feront sonner dans les notes triomphantes de leur génie la joyeuse fanfare du succès.»

SARAH BERNHARDT.

Emprezarios portugueses, quem vos déra promessas similhantes!

A estação artistica de Nova York fechou este anno com uma exhibição nova em materia de representações theatraes. A recita era em beneficio dos emprezarios Abbey & Grau a que acima nos referimos. Depois de acabado o programma, apresentaram-se em scena todos os artistas com os fatos das operas que com maior brilho tinham cantado durante a epocha. O Rezké vinha vestido de *Radamês*, o Cappoul de *Fausto*, o Kaschmann de *Amonasro*, a Melba de *Lucia*, a Calvé de *Carmen*, a Scalchi de *Quikly*. etc., e, juntos com os côros de ambos os sexos, desataram todos a cantar o *côro dos soldados do Fausto*.

Um jornal italiano diz que foi um espectáculo indigno e uma mascarada só propria de saltimbancos e de uma barraca de feira.

Recebemos *La Voiz de las Affueras* de Barcelona que muito agradecemos.

Vae na America grande barulho no mundo musical para saber se um menino-prodigio de 11 annos que por lá anda tocando piano é rapaz ou rapariga. Parece que o mais facil seria verificar, muito mais tratando se de celebridade de tão tenra idade; não o entende porém assim o pae a quem querem sobrecarregar com todas as culpas do caso e que parece ter querido occultar o verdadeiro sexo do *prodigio* com vista a futuras explorações.

— Quer ensaiar o beijo que temos de dar em scena? dizia um actor da velha guarda a uma nova recruta.

— O quê? O sr. *tão velho* ainda precisa d'ensaiar uma cousa d'essas. Pois olhe, eu que sou *debutante* estou bem segura do que hei-de fazer.

Um cão... critico.

Em Darmstad vive uma familia composta de oito pessoas que é a familia mais damnadamente philarmonica que o céu tem coberto até hoje. Tocam desde que o sol rompe até que a lua se vae deitar. O pae é o regente da orchestra, os tres meninos tocam rebecca, uma filha piano, outra flauta, a mamã oboé, a sogra timbales, e a cosinheira trombone.

Ao começo, um cão, que tambem vive n'essa santa casa, ao ouvir todo aquelle charivari, pespegava-se a uivar com toda a furia e sumia-se na carvoeira. Mas o pae-regente é que não esteve por estes ajustes; amarrrou-o a uma cadeira e obrigou-o á *dieta musical*. Nada de comer,

e apenas algum dos instrumentistas dava uma nota desafinada, zás uma bordoadá no cão que servia d'estante. O cão gania, é claro, e bastante era esse ganido para os musicos saberem immediatamente que tinham errado. Assim foi o cão tomando gosto á musica bem tocada e d'ahi lhe nasceu o amor á arte; cada chibatada que apanhava, cada falsete que na orchestra havia. De fórma que, além do amor á arte, muito tambem por amor á pelle e á barriga, bastava depois só olhal-o para elle reconhecer que havia asneira grossa... e uivava.

Fez-se critico musical.

Hoje vae já á Opera e aos concertos onde os artistas vêem uma verdadeira bruxa com elle; é cada uivo de metter medo.

Novelli que tem feito uma larga e triumphal estada em Madrid não vem d'esta vez a Lisboa como em tempo se disse. Partiu d'ali para Valencia e de Valencia embarcou para Genova onde dará um certo numero de representações. De Genova vae representar a Turim e depois descença. Conta porém partir em breve de novo para o Brazil e America do Norte e é então, ao que parece, que de novo nos visitará. O seu repertorio está muito augmentado com peças novas e n'elle se conta uma *Carpi-netta reale* que supomos ser a *Tutinegra real* do sr. D. João da Camara.

Uma criada, ao voltarem os patrões de um beneficio de actriz falada:

— Então minha sr.^a, foi bonita a peça?

— Muito triste. Morre muita gente.

— Ah eu logo disse. Por isso vi passar para o theatro tanta corôa de flôres!

A primeira representação da *Lucrecia Borgia* contada por Frederick Lemaitre:

«Teve logar no dia 3 de fevereiro. O successo foi prodigioso.

«Os inimigos politicos de Victor Hugo bem tentaram prejudicar o poeta atacando a sua obra. Tudo o que era novo, tudo o que era ousado, servia de pretexto para uma manifestação. Quando, no quinto acto, apparecem os cinco caixões entileirados no fundo do theatro e que elles viram *Genaro* levantar-se e dizer a *Lucrecia*. «Falta aqui um sexto caixão» os assobios desencadearam-se como n'uma tempestade; d'outro lado responderam e com furor os applausos, mas foi só á vigessima representação que os do assobio se decidiram a abandonar a partida deixando o verdadeiro publico, o que vinha para ouvir a peça, escutal-a em socego e até ao fim.»

«Hoje as criticas cahiram no esquecimento e a obra magistral ficou de pé.»

Samson e as suas impressões em noites de primeira representação, contadas por elle mesmo:

«Eu era o mais infeliz dos homens quando tinha que representar um papel pela primeira vez, e oito dias antes da primeira representação, assombrea-se o meu genio; presentia já as torturas do medo. Nunca retardei de proposito uma primeira representação, mas muitas vezes desejei que me acontecesse um accidente ou me viesse uma doença que a retardasse. Imagine-se como, chegada a noite fatal, eu entrava no camarim! Que angustias quando o panno subia! Quem nunca passou por essa prova terrivel não pôde fazer uma idéa d'ella. Feliz o actor que não tem medo ao entrar em scena! O atrevimento agrada ao publico, apressa o exito, duplica-o; elle dá azo a que se tirem effeitos grossos o que para a maior parte dos espectadores, vale muito mais do que tirar effeitos justos.»